

# Cultue

Natal/RN | Nº 43 | Ano 6 | 30 de abril de 2026

EDIÇÃO  
ESPECIAL

A CULTUE É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL AGORA RN, COM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO - 7.500 EXEMPLARES

## FESTIVAL AURORA

Evento estreia em Natal ocupando a Casa da Ribeira, o Clube Frisson e o Galpão 292 com uma programação que integra shows, debates e oficinas

CANTOR POTIGUAR FILIPE TOCA  
LANÇA MÚSICA COM DUDA BEAT

CONFEITEIRA TRANSFORMA  
ROTINA EM NEGÓCIO NO RN

## Cultue

A estreia do Aurora, nos dias 8 e 9 de maio, recoloca a Ribeira no centro da agenda cultural de Natal. Ao ocupar espaços como a Casa da Ribeira, o Clube Frisson e o Galpão 292, o festival aponta para algo básico, mas ainda não resolvido na cidade: a necessidade de presença contínua no bairro histórico.

A Ribeira já demonstrou que responde quando há programação regular. O exemplo mais claro foi o Circuito Cultural Ribeira, criado em 2011, que durante anos levou atividades gratuitas ao bairro no primeiro domingo de cada mês. Era uma ação simples, mas eficaz, que combinava formação de público, educação patrimonial e circulação de artistas. O fim do projeto deixou um vazio que nunca foi plenamente preenchido.

O problema não é a falta de iniciativas, mas a descontinuidade. É preciso que a cidade deixe de tratar a cultura como evento pontual, transformando em política permanente. Isso impacta diretamente territórios como a Ribeira, que dependem de fluxo constante de pessoas para se manterem ativos e seguros.

O Aurora acerta ao propor circulação entre espaços, integrar diferentes linguagens e reunir artistas locais, nacionais e internacionais. Também acerta ao incluir debates e atividades formativas, ampliando o papel do festival para além dos shows. Mas, sozinho, não resolve o problema.

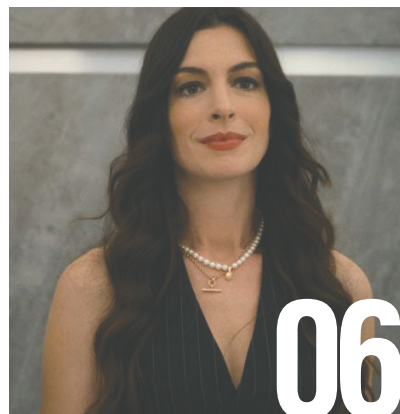
A ocupação da Ribeira precisa ser regular, articulada e sustentada ao longo do tempo. Isso envolve políticas públicas consistentes, investimento e planejamento, mas também compromisso em manter o bairro ativo para além de datas específicas.

Eventos como o Aurora são importantes porque mostram que há público, produção e interesse. O que falta não é demanda, é continuidade.



**Nathallya Macedo**  
Editora

## SUMÁRIO



**“O DIABO VESTE PRADA 2” CHEGA AOS CINEMAS NESTA QUINTA**

**06**



**“A MESA” PROPÕE REFLEXÃO SOBRE O AMBIENTE**

**14**



**ESPETÁCULO SOBRE MENOPAUSA CHEGA A NATAL NESTE FIM DE SEMANA**

**15**

## EXPEDIENTE

**Direção**  
Alex Viana

**Foto da capa**  
Brunno Martins

**Diagramação**  
Paulo Maia

**Edição**  
Nathallya Macedo

# AGORARN

A Revista Cultue é um produto do Grupo Agora RN, que detém os direitos de produção e propriedade

**Comercial**  
publica@agorarn.com.br  
(84) 98117-1718

# Pra ver & ouvir

## MICHAEL

O cinema volta a olhar para uma das maiores estrelas da música mundial. Michael chega às salas de exibição trazendo a história de Michael Jackson, desde a infância até o auge da carreira como um dos artistas mais populares da história do pop.

O filme acompanha a construção do “Rei do Pop” e mostra momentos marcantes da vida profissional e pessoal do cantor, que cresceu sob os holofotes e viveu a pressão constante da fama global.

Na produção, o papel de Michael é interpretado por Jaafar Jackson, sobrinho do artista, o que traz um tom mais próximo e familiar à narrativa. Com direção de Antoine Fuqua, o longa aposta em recriações de performances icônicas e na força das músicas que marcaram gerações, ao mesmo tempo em que relembra os bastidores de uma carreira que mudou a história da música.

Mais do que uma cinebiografia, o filme retoma a discussão sobre o legado de Michael Jackson e a forma como ele segue influenciando a cultura pop décadas depois.



Filme em cartaz nos cinemas do Brasil

## DROP DEAD - OLIVIA RODRIGO



O novo single da popstar Olivia Rodrigo, “drop dead”, lançado em 17 de abril, marca o início da divulgação de seu terceiro álbum, *you seem pretty sad for a girl so in love*, previsto para 12 de junho. A música mantém a linha emocional que consolidou a artista no pop, mas muda o foco: em vez de falar sobre términos, aborda o começo de um relacionamento.

A produção, assinada por Dan Nigro com colaboração de Amy Allen, mistura soft-rock, indie e synth-pop, com um crescimento gradual ao longo da faixa. A sonoridade segue o caminho de *Sour* (2021) e *Guts* (2023), sem grandes mudanças, reforçando a identidade já conhecida da cantora.

Na letra, Olivia transforma uma experiência pessoal em algo fácil de se identificar. O amor aparece de forma intensa e idealizada, mas com sinais de fragilidade. A referência a “Just Like Heaven”, da The Cure, ajuda a conectar esse sentimento com um romantismo mais clássico.

Com isso, “drop dead” funciona como um indicativo claro do que está por vir: um álbum que deve explorar o amor sob uma perspectiva ambivalente, equilibrando idealização e melancolia sem romper com a identidade artística da cantora.

Música disponível em todas as plataformas





**Belita Lira**

★★★

Véspera, da Carla Madeira, é um daqueles livros difíceis de atravessar. A narrativa reúne situações complicadas, momentos tensos

e personagens complexos, que carregam conflitos intensos do começo ao fim. Não há leveza na condução da história, tudo parece sempre à beira de algo maior, mais difícil.

Ao longo da leitura, ansiei pela sensação de que algo poderia suavizar o percurso, um respiro, uma pausa, um momento de redenção. Esse alívio, no entanto, nunca chegou, e é justamente essa ausência que define a experiência do livro. A narrativa não busca consolar, ao contrário, sustenta uma inquietação constante, como se espelhasse a própria imprevisibilidade da vida.

A crueldade presente na obra não soa exagerada, mas profundamente real. Os conflitos se acumulam sem necessariamente encontrar solução, reforçando a sensação de um mundo em permanente tensão. O próprio título, Véspera, traduz bem essa ideia: os personagens parecem sempre à espera de algo difícil, como se nunca houvesse um momento de respiro.

Ao final, fica uma sensação agrídoce. Há a impressão de que algo falta, um fechamento, um alívio que nunca vem. Mas é justamente isso que torna o livro tão verdadeiro. A falta de respostas aproxima a narrativa da vida, onde nem tudo se resolve de forma clara ou confortável.

Talvez essa seja a maior força da obra: provocar e incomodar. Véspera instiga, inquieta e convida o leitor a encarar a dureza como parte do real, não como exceção. No fim, sobra um vazio — não necessariamente uma falha, mas uma escolha. Ainda assim, é uma ausência que ecoa, como se a história, fiel ao seu título, terminasse justamente onde algo ainda estava por acontecer.



**Isabelly Noemi**

★★★★★

Eu dei cinco estrelas pra Véspera, mas não foi porque eu “amei” no sentido confortável. Foi porque o livro me deixou desconfiada de mim mesma.

Durante boa parte da leitura, eu achei que estava entendendo tudo.

Fui criando minhas certezas, escolhendo lados, julgando atitudes. E é exatamente aí que Carla Madeira me pegou. Porque nada se sustenta.

A história vai revelando, aos poucos, que aquilo que parecia claro era só uma versão — conveniente, inclusive, pra quem lê. E quando entram as camadas mais profundas, principalmente nas relações familiares, fica impossível não pensar em Caim e Abel. Não pela história em si, mas por esse sentimento de disputa silenciosa, de amor atravessado por inveja, de afeto que vira ferida.

E o mais incômodo é que não tem vilão fácil. Todo mundo ali é, ao mesmo tempo, responsável e vítima. Todo mundo erra tentando acertar alguma coisa que nem sabe nomear direito. E isso desmonta qualquer leitura mais confortável, porque



VÉSPERA  
CARLA MADEIRA

**A** página Clube do Livro reúne, a cada mês, avaliações das repórteres da Cultue sobre a obra escolhida para leitura coletiva.

obriga a gente a lidar com o fato de que as relações são mais confusas do que a gente gostaria.

Para mim, o livro vira quando a gente percebe que não está lendo sobre fatos, mas sobre interpretações. Sobre como cada personagem constrói sua própria narrativa para conseguir viver com o que fez ou com o que não fez.

A escrita é seca, direta, quase fria em alguns momentos. Mas funciona

justamente por isso. Não tem tentativa de convencer o leitor a sentir algo específico. Você sente sozinho e às vezes contra a própria vontade.

No final, “Véspera” não entrega respostas. Entrega um desconforto. Não quero estragar a surpresa para quem lê e pode se surpreender com o encerramento do livro. Mas, afinal, todo acontecimento não é precedido de uma véspera?



**Larissa Silva**

★★★★★

Comecei a leitura de Véspera já com um pé atrás, já que minha leitura anterior da autora, “Tudo é Rio”, não me agradou. Mas o que me fez insistir na Carla Madeira foi a escrita visceral dela, que é quase impossível de não se prender. E ainda

bem que eu dei outra chance à autora.

Dando jus ao título, a todo momento parece que estamos sempre na véspera de uma tragédia envolvendo os personagens, e não é só uma sensação, porque é realmente realmente o que acontece - um caos.

Durante toda a narrativa, a história de Vedina me interessou mais, especialmente saber que um segundo pode mudar toda uma vida. No entanto, o que me incomodou foi perceber que, ao longo da leitura, a narrativa não estava sendo levada a lugar nenhum. Apesar disso, o último capítulo foi tão impactante e surpreendente, que acabou por justificar o enredo mais parado, contudo, isso não foi suficiente para suprimir a vontade de conhecer mais Vedina do que os irmãos.

Isso não significa que a história de Caim e Abel não seja boa, ao contrário, ela é ótima. Ficamos pensando como a expectativa de alguém (principalmente dos nossos pais) pode influenciar no nosso desenvolvimento. A metáfora com os personagens bíblicos traz justamente o mesmo significado do livro sagrado: como a inveja pode corroer e trazer o nosso pior à tona.

Por fim, Carla Madeira poderia escrever sobre o assunto mais chato do mundo, mas a forma como ela organiza as palavras é impressionante, e é isso que faz a real diferença e transforma suas obras em algo lindo, poético e surpreendente.

# LEITURAS DE REDAÇÃO

O 1º de maio é, tradicionalmente, associado ao trabalho, mas carrega também uma outra dimensão: é o Dia da Literatura Brasileira, celebrado em referência ao nascimento de José de Alencar. Mais do que um marco histórico, a data funciona como convite — para ler, descobrir e, sobretudo, reconhecer o papel da literatura na forma como entendemos o país e a nós mesmos.

Na redação da Cultue, a comemoração acontece como costuma acontecer entre jornalistas: por meio

de histórias. Repórteres compartilharam livros de autores brasileiros que permaneceram — seja pelo impacto emocional, pela escrita ou pelo momento em que chegaram. O resultado é um pequeno mapa afetivo de leituras, onde a literatura aparece menos como obrigação cultural e mais como experiência íntima.

A seguir, as indicações que revelam a capacidade da literatura brasileira de atravessar o tempo, os contextos e as experiências pessoais.

## Belita Lira

**Livro:** A Cabeça do Santo, de Socorro Acioli

No romance, acompanhamos Samuel, um jovem que chega à cidade de Candeias em busca de uma avó desconhecida e encontra abrigo dentro da cabeça oca de uma estátua de Santo Antônio. A partir daí, o insólito se instala com naturalidade: ele passa a ouvir orações de mulheres e transforma esse dom em ponte entre destinos.

Mais do que a premissa, o que marca é a delicadeza narrativa. A escrita é fluida, os personagens são construídos com humanidade e a história sugere que fé e acaso caminham juntos. A indicação vem dessa sensação de verdade silenciosa — como se o extraordinário fosse apenas uma extensão do cotidiano.



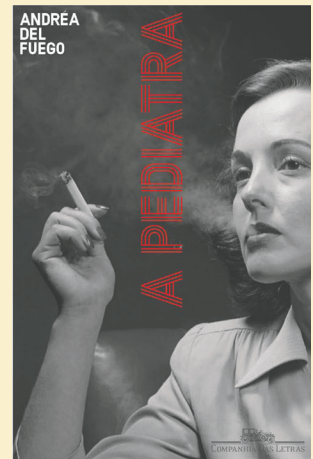
## Nathallya Macedo

**Livro:** A Pediatra, de Andréa del Fuego

A protagonista Cecília, neonatologista e pediatra, conduz a narrativa a partir de uma perspectiva pouco confortável: a de alguém que observa o mundo com frieza, ironia e um certo descompasso afetivo.

O romance mergulha na mente de uma personagem que desafia expectativas — sem instinto maternal, sem idealizações e sem esforço para parecer agradável. A escrita é direta, muitas vezes ácida, e expõe contradições que raramente aparecem em narrativas sobre medicina e cuidado.

Ao final, fica a sensação de ter habitado um ponto de vista incômodo — e, justamente por isso, revelador.



## Luzia Cavalcanti

**Livro:** Uma delicada coleção de ausências, de Aline Bei

Há livros que contam histórias; outros parecem tocar diretamente aquilo que não foi dito. Aqui, a narrativa acompanha gerações de mulheres marcadas por ausências, traumas e afetos interrompidos.

Com uma escrita que se constrói também no silêncio, Aline Bei transforma o texto em experiência sensorial. Fragmentos, pausas e respiros dizem tanto quanto as palavras. É um romance sobre heranças invisíveis — e sobre a possibilidade de interromper ciclos. Uma leitura que permanece pela forma e pelo que ela revela sem precisar afirmar.



## Rebecca Alves

**Livro:** Meu Pé de Laranja Lima, de José Mauro de Vasconcelos

Clássico da literatura brasileira, o livro acompanha Zezé, um menino de seis anos que enfrenta uma infância marcada por dificuldades e encontra refúgio na imaginação — especialmente na amizade com um pé de laranja-lima.

A narrativa equilibra ternura e dor, explorando a sensibilidade de uma criança que tenta compreender o mundo ao seu redor. Para quem não tinha o hábito de ler autores nacionais, a leitura surge como porta de entrada — e permanece como experiência emocional intensa.

É um livro que comove sem esforço, daqueles que continuam reverberando depois da última página.



# FILME “O DIABO VESTE PRADA 2” ENCARA UM NOVO MUNDO

Por Isabella Noemi

Quando *O Diabo Veste Prada* chegou aos cinemas, em 2006, o público encontrou mais do que uma comédia sobre os bastidores da moda. O filme se tornou um retrato reconhecível — e, para muitos, desconfortável — das dinâmicas de poder no ambiente de trabalho. Duas décadas depois, a promessa de uma continuação não se sustenta apenas na nostalgia: ela carrega a responsabilidade de dialogar com um mundo profundamente transformado.

O longa rapidamente ultrapassou o universo da moda para se tornar um comentário mais amplo sobre ambição, pertencimento e hierarquia. Não era apenas sobre roupas, revistas ou tendências, era sobre quem pode ocupar determinados espaços e a que custo.

Quase duas décadas depois, a possibilidade de uma continuação surge em um contexto radicalmente diferente. O mundo do trabalho passou por rupturas importantes: a valorização da saúde mental, o questionamento de lideranças abusivas e a redefinição do que significa “dar certo” profissionalmente. Nesse cenário, revisitar essa história não é apenas um exercício de nostalgia; é, inevitavelmente, um confronto entre duas épocas.

No centro dessa discussão está Miranda Priestly, uma personagem que se consolidou como arquétipo. Sua autoridade fria, sua exigência constante e sua aparente indiferença emocional foram, por muito tempo, interpretadas como o preço da excelência. Havia, ali, uma espécie de fascínio: a ideia de que alcançar o topo exigia não apenas talento, mas também a capacidade de endurecer.

Hoje, esse modelo já não se sustenta com a mesma naturalidade. A figura da chefe implacável, antes glamourizada, passou a ser observada com mais desconfiança. O que antes era visto como rigor pode ser entendido como abuso; o que era disciplina pode ser percebido como desumanização. Isso não significa que o poder deixou de ser exercido — mas a forma como ele é legitimado mudou.

É justamente nesse ponto que “*O Diabo Veste Prada 2*” encontra seu maior desafio. Como revisitar uma personagem tão emblemática sem esvaziar sua complexidade e, ao mesmo tempo, sem ignorar as transformações culturais que tornam seu comportamento mais problemático aos olhos atuais? Suavizá-la demais pode comprometer sua força. Mantê-la intacta pode soar como um retrocesso.

Se Miranda representa o topo da hierarquia, Andy Sachs continua sendo a lente através da qual o público interpreta esse universo. Quando o filme original foi lançado, sua trajetória refletia o dilema de uma geração que começava a entrar no mercado de trabalho: aceitar condições adversas em troca de oportunidade ou preservar valores pessoais correndo o risco de ficar à margem.



A performance de Anne Hathaway ajudou a transformar Andy em um símbolo dessa encruzilhada. Sua transformação — tanto estética quanto comportamental — sintetizava uma pergunta incômoda: até que ponto vale a pena se adaptar para pertencer? Vinte anos depois, essa questão não desapareceu, mas ganhou novas camadas.

Hoje, jovens profissionais tendem a negociar mais seus limites. Há uma maior consciência sobre burnout, exploração e qualidade de vida. Ainda assim, as estruturas de poder permanecem, muitas vezes, intactas. O conflito, portanto, não foi resolvido — apenas mudou de forma. E é justamente esse deslocamento que uma continuação pode explorar com mais profundidade.

No campo da moda, o impacto cultural do primeiro filme também merece revisão. Em 2006, o universo retratado parecia distante e aspiracional. A revista, os desfiles, as marcas — tudo operava como um sistema fechado, acessível a poucos. De lá para cá, a digitalização e as redes sociais transformaram completamente esse cenário. A moda se tornou mais imediata, mais democrática em aparência, mas também mais acelerada e descartável.

A influência de plataformas digitais, criadores de conteúdo e novas formas de consumo reconfigurou a lógica de autoridade. Se antes figuras como Miranda concentravam poder quase absoluto, hoje esse poder é mais difuso — embora não necessariamente menos intenso. A pergunta que se impõe é: como uma personagem moldada em um sistema hierárquico rígido se adapta a um ambiente em que a relevância é constantemente disputada?

Há também um elemento inevitável de nostalgia. Revisitar *O Diabo Veste Prada* é revisitar um momento específico da cultura pop, marcado por referências que ajudaram a definir uma geração. O figurino, as falas, a trilha sonora — tudo contribuiu para transformar o filme em um fenômeno duradouro. A continuação, nesse sentido, carrega a expectativa de reencontrar esse universo, ainda que ele já não exista da mesma forma.

Mas nostalgia, por si só, não sustenta narrativa. O risco de sequências tardias está justamente na dependência excessiva do passado. Repetir fórmulas pode gerar conforto imediato, mas dificilmente produz relevância. Por outro lado, romper completamente com a essência do original pode afastar o público que mantém essa memória viva.

“*O Diabo Veste Prada 2*” se posiciona, portanto, em um território delicado. Mais do que responder a expectativas, ele precisa justificar sua própria existência. Isso significa ir além da repetição e oferecer uma leitura que dialogue com o presente — sem perder de vista o que tornou o primeiro filme tão marcante.

No fim, talvez a questão central permaneça a mesma: o que estamos dispostos a sacrificar para chegar onde queremos? A diferença é que, hoje, essa pergunta encontra respostas menos homogêneas. Se antes o sucesso parecia seguir um único roteiro, agora ele se fragmenta em múltiplas possibilidades.

Entre o glamour e o esgotamento, entre o desejo de pertencimento e a necessidade de preservar a própria identidade, “*O Diabo Veste Prada 2*” tem a oportunidade de atualizar um debate que nunca deixou de existir. Resta saber se a continuação estará disposta a encarar essas contradições — ou se vai preferir apenas caminhar, com elegância, sobre o terreno seguro da memória.

# MUITA SEDE DE FILIPE TOCA

Por Isabelly Noemi

Existe um momento na trajetória de alguns artistas em que a busca por novidades termina exatamente onde tudo começou. Com Filipe Toca, esse reencontro aconteceu longe de casa. Morando em São Paulo desde de 2020, o cantor e compositor potiguar diz ter entendido a própria identidade nordestina depois de deixar Natal. A constatação atravessa sua nova fase artística, marcada pelo single “Olhar de Quem Não Presta”, parceria com Duda Beat, e pelo lançamento iminente de “Muita Sede”, primeiro disco completo da carreira.

“Quando eu estava morando em Natal, a minha vontade era conhecer o mundo. E aí quando eu conheci o mundo, minha vontade era estar dentro de Natal”, conta. “Foi aí que percebi o quão eu sou potiguar.” A fala ajuda a entender o momento vivido pelo artista. Filipe não abandona a MPB que sempre conduziu seu trabalho, mas agora mergulha com mais clareza em referências nordestinas — sem aceitar rótulos fechados.

“Eu me encontrei nesse lance da música nordestina, de defender a música nordestina e ser um artista que faz forró, apesar de não ser exatamente um cantor de forró”, afirma. “Minha música tem mais misturas.” As misturas aparecem como extensão da própria vida. Praia, reggae, MPB, xote, amor, saudade e cotidiano convivem nas canções do artista que cresceu entre Ponta Negra, Cotovelo e Pirangi. Para ele, a música “Sabíá e a Lua” representa justamente essa síntese.

“É um xote do meu jeito. Tem uma pitada de reggae, uma pitada praiana, que é tudo que me representa.” A parceria com Duda Beat surge nesse contexto de afirmação pessoal e artística. Filipe define o momento com uma palavra: maturidade. “Eu já passei por muitas coisas, experimentei muita coisa na minha vida e na minha música. Agora tudo tem conspirado a favor”,



diz. “Essa parceria representa uma validação pessoal minha.”

A relação com a música começou ainda na infância. Filipe conta que teve contato mais direto com instrumentos aos 11 anos e, desde então, passou a cantar, compor e tocar. As experiências pessoais seguem como principal fonte de inspiração, embora ele afirme que muitas músicas também nascem da observação das histórias de outras pessoas. “Muitas vezes eu escrevo uma história que não fui eu que vivi, mas que eu vi alguém viver.”

Pai de um filho de dois anos, o cantor também percebe mudanças na forma de compor. Se antes as inspirações vinham do movimento da rua e das experiências externas, hoje elas nascem de um cotidiano mais íntimo e emocional. “Minha vida hoje é muito caseira. Isso me levou para um lugar de mais profundidade emocional”, afirma. “Ter um filho, ser casado... tudo isso traz muita bagagem.”

Mesmo vivendo uma fase mais sólida, Filipe admite que o medo e a instabilidade acompanham a vida artística. Durante a pandemia, pensou em desistir da carreira. Foi naquele período que surgiu a oportunidade de participar do The Voice Brasil. “No meio da pandemia apareceu o The Voice. Foi uma coisa que me ajudou muito naquela época difícil.”

As redes sociais também aparecem como uma relação ambígua. Embora reconheça a importância da presença digital, ele tenta preservar a vida pessoal da exposição constante. “A vida de um artista já é exposição 24 horas. Eu tento achar esse meio-termo.” Ao falar sobre o cenário cultural nordestino, Filipe defende maior valorização dos artistas locais pelo próprio público. Segundo ele, foi preciso sair de Natal para ampliar horizontes profissionais.

“Às vezes a gente valoriza muito o artista que vem de fora e normaliza quem está perto”, afirma. “Todo artista local pode ser grande.” Agora, com “Muita Sede”, o cantor prepara o que considera um novo divisor de águas. O álbum reunirá os singles lançados recentemente, incluindo as parcerias com Duda Beat e Agnes Nunes.



## Por Belita Lira

Há histórias que começam muito antes de serem percebidas como profissão. Elas nascem no cotidiano, nos gestos repetidos, nas memórias afetivas que, sem aviso, acabam moldando um caminho. Com a confeitaria potiguar Kallyane Costa, de 37 anos, foi assim. Antes de cursos, técnicas ou clientes, havia o ambiente. Festas, celebrações, a presença constante do doce como parte de algo maior.

Um cenário que, com o tempo, deixou de ser apenas lembrança e passou a ser direção. “Eu costumo dizer que a confeitaria sempre fez parte da minha vida, sempre fez parte do meu dia a dia e do meu crescimento”, conta. A profissionalização veio depois — e, como em muitas trajetórias, não de forma planejada, mas percebida. Foi em 2017, ainda entre familiares e amigos, que a atividade começou a ganhar contornos mais definidos.

Bolos em chantininho, doces tradicionais e encomendas pequenas. Um começo silencioso, mas decisivo. “Foi quando eu enxerguei que aquilo ali poderia se tornar a minha profissão”, conta. O passo seguinte foi buscar formação técnica e aperfeiçoamento. Em 2018, a confeitaria já não era apenas parte da rotina — era o centro dela.

Mas foi um momento de crise coletiva que redefiniu o rumo da sua produção. Durante a pandemia, quando as grandes festas deram lugar a comemorações íntimas, surgiu a ideia de criar kits personalizados em pasta americana. Sem experiência, sem técnica consolidada e sem os materiais ideais, ela começou assim mesmo. “Eu não tinha nenhuma prática, eu não tinha técnica, eu não tinha materiais necessários para começar, mas eu comecei.”

A resposta veio rápido. Os pedidos surgiram, os clientes chegaram, e a pasta americana — até então um território desconhecido — tornou-se o eixo principal do seu trabalho. “Confesso que o meu maior aprendizado e o meu maior curso é e foi a prática.” Essa prática, construída no erro, na repetição e na insistência, foi também o que moldou a identidade do seu trabalho.

Um processo lento, muitas vezes imperfeito, mas contínuo. “Eram doces que não eram bem desenvolvidos, bem elaborados, mas eu fui buscando sempre melhorar”, compartilha. Na confeitaria artística, onde cada detalhe importa, a evolução não é apenas técnica — é também sensível. É entender que o produto final carrega mais do que estética. “Eu costumo dizer que um doce, um bolo, ele não tem que ter só beleza, ele tem que ter sabor. Então, são duas coisas que têm que andar juntos.”

Esse equilíbrio entre forma e essência se reflete também na relação com os clientes. Mais do que entregar um produto, Kallyane constrói uma experiência compartilhada. “A partir do momento que o cliente fecha comigo, eu idealizo a festa junto com ele. Então, eu sonho e tenho ansiedade junto com o meu cliente.” É um envolvimento que ultrapassa o comercial. Existe ali uma tentativa de traduzir expectativas, memórias e afetos em algo concreto — um bolo, um doce, uma mesa montada.

Mas, como em qualquer processo criativo, há desafios. Kallyane compartilha que um dos mais marcantes



# QUANDO O VIRA PRO





# TALENTO OFISSÃO

foi a produção de uma festa completa em menos de 24 horas. Um trabalho contra o tempo, onde a pressão não está apenas no prazo, mas na expectativa de entregar algo impecável. “Eu estava correndo contra o tempo e eu precisava entregar a perfeição ao meu cliente.”

Essa busca constante por qualidade, no entanto, cobra um preço. “A parte mais difícil da minha profissão hoje, acredito que seja abrir mão de alguns momentos, de estar com minha família, de estar com meus amigos”, conta. É o tipo de escolha silenciosa que acompanha muitas trajetórias criativas — o equilíbrio delicado entre o que se constrói profissionalmente e o que se deixa de viver.

Ainda assim, o retorno emocional sustenta o percurso e há, nesse momento, algo que vai além da entrega. “O mais gratificante é o reconhecimento do meu cliente, ver o olhar dele, a satisfação quando recebe o meu produto. Isso para mim é o mais gratificante.” Hoje, Kallyane não apenas produz — ela ensina, compartilha e incentiva outras mulheres a enxergarem a confeitaria como possibilidade real de sustento.

“Fazer com que outras mulheres enxerguem a confeitaria como uma profissão, passar o meu conhecimento para outras pessoas, isso são planos para o futuro.” A fala carrega uma dimensão que ultrapassa o individual. É sobre abrir caminhos. E, talvez por isso, o conselho que ela oferece seja tão direto quanto simbólico. “Comece, comece, comece. Primeiro de tudo, comece acreditando que você é capaz.”

Não há romantização do início. Pelo contrário. “Comece mesmo sem ter equipamentos, comece mesmo sem ter materiais, comece.” A ideia de que a condição

ideal virá antes da ação é, para ela, um mito. “A oportunidade perfeita e a condição perfeita não surgem, é você quem cria.” Na prática, sua rotina hoje é intensa. Produção, compras, planejamento, execução — tudo passa por suas mãos. Um trabalho solitário em muitos momentos, mas profundamente conectado ao que ela escolheu fazer.

“Só eu modelo, só eu personalizo, só eu faço os chocolates. Então, é bem corrido, é bem cansativo, mas é bem gratificante.” E talvez seja essa contradição — entre o cansaço e o prazer, entre a pressão e o encantamento — que define sua relação com a confeitaria. “Hoje eu não me vejo em outra profissão.” E é nesse ponto que a história deixa de ser apenas sobre doces. Passa a ser sobre escolha, insistência e pertencimento. Sobre transformar algo cotidiano em linguagem. E sobre entender que, às vezes, aquilo que sempre esteve presente é justamente o que define quem a gente se torna.



# AURORA ESTREIA COM IMERSÃO CULTURAL

Natal entra no circuito de novos festivais de cultura contemporânea com a chegada do Aurora, que realiza sua primeira edição nos dias 8 e 9 de maio, ocupando três espaços simbólicos da Ribeira: a Casa da Ribeira, o Clube Frisson e o Galpão 292. Em vez de apostar apenas em uma sequência de atrações, o festival se estrutura como um percurso que atravessa diferentes linguagens e momentos do dia, reunindo oficinas, rodas de conversa, conferências, intervenções e shows em uma experiência contínua.

A proposta parte de um princípio claro: pensar, produzir e viver cultura não são etapas isoladas, mas dimensões de um mesmo processo. O Aurora organiza sua programação a partir dessa lógica, dissolvendo fronteiras entre formação, debate e fruição. Ao longo de dois dias, o público é convidado a circular entre espaços e atividades que se estendem do fim da tarde à madrugada, em uma dinâmica que aproxima criação artística, reflexão crítica e convivência.

O line-up evidencia esse trânsito. Nomes como Rita Von Hunty, Linn da Quebrada e a dupla espanhola Dame Area dividem a programação com artistas, pesquisadores e agentes culturais de diferentes cidades, compondo um recorte que articula cena local, nacional e internacional. Mais do que um encontro de atrações, o festival se apresenta como um espaço de articulação entre trajetórias e circuitos de produção.

A abertura, na sexta-feira 8, concentra-se no Clube Frisson, com ações



Aurora reúne artistas locais, nacionais e internacionais em circuito cultural em Natal



formativas voltadas à autonomia artística. O workshop “Se ninguém te chama, você cria o caminho”, ministrado por Natália Lebeis, propõe discutir estratégias de criação, lançamento e circulação independente, tema recorrente em contextos de produção fora dos grandes centros. À noite, o eixo se desloca para o Galpão 292, onde a programação musical assume protagonismo em uma maratona que vai das 21h30 às 5h, com Santelli, Natália Lebeis, Vera Fischer era Clubber, Taj Ma House, Idlibra e Geni.

No sábado 9, o festival amplia sua ocupação territorial e simbólica. Na Casa da Ribeira, a programação se volta ao debate e à escuta. A conversa “A noite não pode acabar: desafios e soluções para a cena cultural da Ribeira” reúne Pajux, Wire, Marti e Ana Morena, com mediação de Dumaresq, em

torno de temas como precarização, políticas públicas e sustentabilidade da cena local. Em seguida, o círculo de escuta “Ser quem se é: corpo, identidade e pressão estética LGB-TQIAPN+” propõe uma abordagem sensível sobre os impactos sociais e psíquicos que recaem sobre corpos dissidentes, com participação de Luá Belli, Zá Oliveira e Jaci Lune.

Encerrando a programação do espaço, Rita Von Hunty apresenta a conferência “Esperança como Verbo”, em que articula referências da cultura pop, pensamento crítico e política em uma reflexão sobre o presente. A presença da artista, conhecida por transitar entre educação, performance e comunicação digital,

reforça o caráter híbrido do festival.

Paralelamente, o Clube Frisson segue como território de formação e experimentação. Os workshops “Tamar o desejo: crochê queer e afetivo”, com Chico Queiroz, e “Pele expandida: pintura em roupas”, com LED, dialogam com práticas manuais e estéticas dissidentes, enquanto as ações do Ocupa Aurora mantêm o espaço em fluxo contínuo, com intervenções e ativações ao longo do dia.

À noite, o Galpão 292 volta a concentrar os shows, repetindo a lógica de imersão da véspera. O line-up de sábado reúne Ametista, Linn da Quebrada, Dame Area, Jennifer C. e DK, compondo uma sequência que evidencia a diversidade de linguagens e origens. Ao reunir artistas do Rio Grande do Norte, de outras regiões do Brasil e do exterior, o Aurora reforça sua aposta em conexões que ultrapassam fronteiras geográficas e simbólicas.

Ainda que dialogue diretamente com a cultura queer e com produções independentes, o festival evita se apresentar como um evento de nicho. A proposta é construir um espaço de convivência ampliada, em que diferentes públicos possam circular e se afetar por múltiplas formas de criação e pensamento, sem abrir mão de um recorte curatorial consistente.

Nesse sentido, a escolha da Ribeira não é apenas geográfica, mas conceitual. Ao ocupar equipamentos como a Casa da Ribeira, o Clube Frisson e o Galpão 292, o festival se insere em um território historicamente associado à efervescência cultural de Natal, ao mesmo tempo em que tensiona sua reativação no presente. A ocupação simultânea dos espaços sugere um gesto de continuidade, em que memória e experimentação coexistem.

Com patrocínio da Prefeitura do Natal, por meio do Programa Djalma Maranhão, e da Universidade Potiguar (UnP), o Aurora estreia com a ambição de se consolidar como plataforma de articulação cultural. Mais do que um evento pontual, o festival se projeta como um dispositivo de encontro, capaz de fortalecer redes e ampliar, ao longo do tempo, seu lugar no calendário da cidade.

# SHAKIRA

## FAZ SHOW GRATUITO EM COPACABANA

A cantora colombiana Shakira volta ao Brasil para um show de grande porte na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, em apresentação gratuita marcada para sábado 2. O evento deve reunir milhares de pessoas na orla, no “Todo Mundo no Rio”, consolidando mais um capítulo de sua relação com o público brasileiro.

Com uma trajetória que atravessa mais de três décadas, Shakira construiu uma carreira marcada por transformações musicais e visuais, sem perder elementos que se tornaram característicos, como a fusão de ritmos latinos com pop internacional e coreografias que dialogam com suas origens. Desde o início, ainda nos anos 1990, a cantora se destacou por incorporar referências do rock, da música árabe e da tradição latina em suas produções.

O repertório do show deve percorrer diferentes momentos dessa trajetória. Sucessos como “Estoy Aquí”, que marcou sua consolidação no mercado latino, e “Ojos Así”, conhecido pela mistura de influências do Oriente Médio, tendem a dividir espaço com hits globais como “Hips Don’t Lie”, “Waka Waka” e “Whenever, Wherever”. A proposta é apresentar um panorama da carreira, conectando diferentes fases e estilos.

A artista também deve incluir músicas mais recentes, que refletem mudanças em sua vida pessoal e artística. Nos últimos anos, Shakira lançou canções que abordam temas como separação, identidade e recomeço, ampliando o diálogo com o público e mantendo relevância nas plataformas digitais.

Além do repertório, o espetáculo aposta em uma estrutura visual robusta. Elementos cenográficos, iluminação e projeções devem compor a narrativa do show, criando uma experiência imersiva para o público. As coreografias continuam sendo parte central da apresentação, reforçando uma das marcas registradas da artista.

A escolha de Copacabana como palco segue uma tendência recente de grandes eventos gratuitos na orla carioca, reunindo artistas internacionais e atraindo grande público. A expectativa é de que o show movimente o turismo e a economia local, além de ampliar o acesso a apresentações de



grande escala.

Ao longo da carreira, Shakira acumulou records e reconhecimento internacional. A artista figura entre os nomes mais influentes da música latina, com milhões de discos vendidos e uma presença constante nas paradas globais. Sua capacidade de transitar entre idiomas e mercados contribuiu para consolidar uma base de fãs diversificada.

O retorno ao Brasil também reforça a relação histórica da cantora com o País. Em diferentes momentos, Shakira incluiu cidades brasileiras em suas turnês e manteve forte conexão com o público local, que acompanha sua trajetória desde os primeiros sucessos.

Com o novo espetáculo, a artista busca revisitar sua história sem deixar de apontar para o futuro. A combinação entre músicas consagradas e lançamentos recentes indica uma tentativa de equilibrar memória e renovação, mantendo-se ativa em um cenário musical em constante transformação.

A apresentação em Copacabana deve, assim, funcionar como síntese dessa trajetória: um encontro entre diferentes fases de uma carreira que segue em movimento, reunindo elementos que marcaram sua identidade artística e reafirmando seu alcance global.

Uma noite em tributo ao síndico da música brasileira

# TIM MAIA

*Me dê motivo*

**SÁBADO, 02. MAIO  
A PARTIR DAS 21H**

**SHOW COM  
COM A VOZ DE  
JÚNIOR BRAGANÇA  
E GRANDE BANDA**

# TIM MAIA

## ECOIA EM CASTELO MEDIEVAL DE NATAL

A atmosfera de castelo medieval em Ponta Negra ganha trilha sonora brasileira neste sábado 2, com o show “Me Dê Motivos”, tributo ao cantor Tim Maia. A apresentação acontece na Taverna Pub, dentro do Ávalon – Experiência Medieval, e será conduzida por Júnior Bragança e Grande Banda.

A proposta da noite é cruzar música e memória afetiva em um ambiente fora do comum. No repertório, clássicos que seguem vivos no imaginário popular conduzem o público por uma sequência de sucessos marcados pelo soul, funk e romantismo característicos do artista — em um formato pensado para cantar junto e reviver diferentes gerações da música brasileira.

O tributo também reforça a programação musical que o Ávalon vem consolidando em Natal. Instalado em um castelo cenográfico, o espaço combina restaurante, pub e ambientação temática, ampliando sua proposta para além da gastronomia com shows ao vivo e noites especiais que apostam na experiência imersiva.

Dono de uma das vozes mais marcantes da música nacional, Tim Maia construiu uma obra que transita entre soul,

samba-rock e baladas românticas. O espetáculo revisita essa trajetória com arranjos vibrantes, buscando equilibrar emoção e energia em uma noite dedicada à celebração de seu legado.

Os portões do castelo abrem às 19h, e o show tem início previsto para as 21h.

### SERVIÇO

“Me Dê Motivos” | Tributo a Tim Maia

**Local:** Ávalon – Experiência Medieval – Taverna Pub

**Endereço:** Rua Dr. Manoel Augusto Bezerra de Araújo, 500, Ponta Negra, Natal/RN

**Data:** Sábado 2

**Abertura da casa:** 19h

**Início do show:** 21h

**Atração:** Júnior Bragança e Grande Banda

**Ingressos:** Plataforma Outgo

# “A MESA”

## NOVO CURTA DE LUIZA GURGEL TRANSFORMA SILÊNCIO EM DENÚNCIA

Por Luzia Cavalcanti

Há objetos e paisagens que testemunham a vida inteira sem nunca serem notados. Permanecem ali, imóveis aos olhos apressados, mas atentos a cada gesto humano. Veem encontros nascerem, despedidas acontecerem, crianças correrem, vendedores atravessarem ruas, cães farejarem o mundo. Observam tudo — e, ainda assim, seguem invisíveis.

É desse silêncio antigo que nasce “A Mesa”, novo curta-metragem da cineasta e jornalista Luiza Gurgel, uma obra que converte o cotidiano em metáfora e faz da natureza personagem central de uma narrativa urgente. Com roteiro crítico e sensível, o filme lança um olhar contundente sobre a forma como a humanidade explora aquilo de que depende para sobreviver.

No centro da trama está uma protagonista que sente, observa e sofre ao perceber sua existência reduzida a números, interesses e utilidades. Em torno dela, desenrola-se uma sociedade marcada pela pressa e pela ganância, incapaz de reconhecer a beleza e o valor do que a sustenta. Mais do que contar uma história, “A Mesa” provoca uma pergunta incômoda: e se fosse você?

A obra mergulha em temas que atravessam o presente: crise climática, desmatamento, ecocídio e a banalização da destruição ambiental. Sem didatismo, o curta transforma essas pautas em experiência sensorial e emocional. A ideia surgiu enquanto Luiza assistia a uma reportagem sobre desmatamento. O incômodo com a contradição humana — destruir a própria fonte de vida — se converteu em roteiro.

“Comecei a pensar o quanto nós, seres humanos, somos egoístas. Esse filme fala principalmente sobre hipocrisia. A ideia é que repensemos nosso lugar aqui: quem somos, para onde vamos e quais as consequências das nossas ações”, afirma a diretora. Há, porém, esperança no gesto artístico. Se a ação humana causa feridas profundas, ela também pode restaurar. O filme nasce como denúncia, mas também como convite à consciência.

Gravado em junho de 2025, em Mossoró, o curta utiliza a cidade não apenas como pano de fundo, mas como organismo pulsante. Um dos principais cenários foi a tradicional Praça do Rotary, que por dois dias se transformou em set de filmagem sem perder sua rotina cotidiana. Segundo o assistente de direção Plínio Sá, a proposta era justamente preservar a verdade do espaço.

“A praça é muito movimentada. Entramos em diálogo com a comunidade para que nem o filme atrapalhasse a vida ativa do



lugar, nem a vida da praça atrapalhasse a produção. O cotidiano ali também é personagem do filme.” Essa escolha fortalece a identidade regional da obra e aproxima a ficção da realidade.

Mais de 100 pessoas participaram direta ou indiretamente do projeto, em sua maioria profissionais mossoroenses e potiguares. Para Luiza, a composição da equipe foi uma escolha política e cultural. “Queríamos quebrar o estereótipo de que não existe audiovisual qualificado no interior do Rio Grande do Norte. Existe talento, existe técnica e existe cinema sendo feito aqui.”

Entre os nomes da produção está a estudante Ana Paula Mesquita, aluna de Rádio, TV e Internet da Uern, que teve no curta sua primeira experiência profissional no setor audiovisual. “Sempre sonhei com o cinema. Participar de uma produção desse porte ainda na faculdade foi essencial para transformar teoria em prática.” Outro aspecto marcante foi a presença feminina em posições estratégicas: direção geral, fotografia, som e diversos setores técnicos. “Quero que cada vez mais mulheres ocupem lugares de liderança nas minhas produções”, reforça Luiza.

Na pós-produção, cada detalhe foi pensado para ampliar a experiência narrativa. A fotografia, assinada por Evelyn Freitas, recebeu colorização de Rodrigo Fernandes, que criou uma paleta emocional dividida em fases. Tons quentes e vibrantes representam inocência e pureza. Depois, surgem frios acinzentados que evocam morte e ruptura.

Em seguida, entram texturas densas e sóbrias, encerrando com tons terrosos que resgatam a conexão orgânica com o ambiente. Já a trilha sonora aposta em ousadia estética. A música-tema, “Vira Bicho”, escrita por Luiza Gurgel e musicada por Romero Oliveira, mistura coco, embolada, beats eletrônicos, rock e ritmos populares nordestinos. Com produção musical de Fofinho do Acordeon, percussão de Nilsinho e vozes de Katharina Gurgel, Luiza Gurgel, Bia Gurgel e Dayanne Nunes, a faixa amplia a potência simbólica do filme: tradição e contemporaneidade em diálogo.

Agora em fase final, “A Mesa” se prepara para circular por festivais e mostras. O desejo da diretora é que a obra ultrapasse fronteiras regionais e dialogue com o país inteiro. “Desejo que o filme chegue às cinco regiões do Brasil e que as pessoas compreendam o recado que ele quer passar sobre meio ambiente, vida e morte.” Em tempos de fumaça, secas, enchentes e devastação, “A Mesa” surge como cinema necessário. Um filme que olha para aquilo que ignoramos todos os dias — e nos devolve o reflexo de nossa própria responsabilidade.



# CLAUDIA RAIA EM “CENAS DA MENOPAUSA” NO TEATRO RIACHUELO

Após temporadas de sucesso no Brasil e em Portugal, o espetáculo *Cenas da Menopausa* chega a Natal para apresentações neste fim de semana, sábado 2 e domingo 3, no Teatro Riachuelo. A montagem, que já reuniu mais de 160 mil espectadores em 2025, segue em circulação internacional — apenas neste ano, soma mais de 40 mil espectadores em temporada portuguesa.

Protagonizada por Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello — que também assina a direção —, a comédia musical tem texto e versões musicais de Anna Toledo. A proposta combina humor, música e reflexão para abordar a menopausa e os desafios da mulher no chamado “segundo ato” da vida.

A narrativa se estrutura em cenas curtas que retratam diferentes experiências femininas diante das transformações físicas, emocionais e sociais dessa fase. Com leveza e franqueza, o espetáculo percorre temas como carreira, autoestima, relacionamentos e saúde, apostando no riso como ferramenta de identificação e acolhimento.

“O público tem respondido com muito carinho, o que reforça a importância de abrir espaço para discutir essa fase da vida da mulher”, afirma Claudia Raia. Segundo a atriz, o impacto da peça vai além do palco: “Soube de mulheres que se sentiram mais acolhidas por seus parceiros, compreendidas por seus filhos, e até de uma terapeuta que criou um grupo de apoio após assistir ao espetáculo”.

Para Anna Toledo, o humor é central na abordagem. “O riso é uma chave essencial para quebrar o silêncio em torno do tema. A menopausa é um grande perrengue, mas também rende histórias engraçadíssimas”, diz. A dramaturga aposta em paródias de hits consagrados — muitos deles eternizados por divas pop — co-



mo comentários cômicos às cenas.

A encenação acompanha o que a autora define como “fases do luto ovariano” — do choque à aceitação —, costuradas pela personagem Teresa, vivida por Claudia Raia. Aos 49 anos, ela enfrenta os primeiros sintomas da menopausa enquanto equilibra trabalho, casamento e maternidade, em uma jornada marcada por situações absurdas e reconhecíveis.

Além de Teresa, a atriz interpreta outras figuras femininas que representam diferentes posturas diante do envelhecimento, enquanto Jarbas Homem de Mello transita por múltiplos papéis — do marido à figuras caricatas — ampliando o tom cômico da montagem.

O espetáculo ainda propõe um momento de interação ao final, com um bate-papo entre elenco e plateia. “Virou quase um desabafo coletivo. Muitas mulheres percebem que não estão sozinhas”, observa Jarbas.

Com repertório que revisita clássicos dos anos 1980 e 1990, *Cenas da Menopausa* transforma músicas icônicas em versões bem-humoradas, reforçando o diálogo entre memória afetiva e experiência contemporânea.

## • SERVIÇO

- **Cenas da Menopausa - Com Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello**
- **Local:** Teatro Riachuelo
- **Data:** Sábado 2 e domingo 3, às 20h
- **Classificação:** 14 anos
- **Duração:** 90 minutos
- **Ingressos:** a partir de R\$ 75 (meia)
- **Venda:** bilheteria do teatro e site [uhuu.com](http://uhuu.com)

# DADOS QUE ORIENTAM DECISÕES.

Pesquisa, estratégia e inteligência para entender cenários e antecipar resultados.

- ✓ Pesquisas Eleitorais
- ✓ Pesquisas de Mercado
- ✓ Opinião Pública
- ✓ Estudos Comportamentais

A Exatus Pesquisa e Consultoria é referência em pesquisas eleitorais, de mercado e opinião pública no Rio Grande do Norte.

Atuamos com rigor metodológico, credibilidade e análise estratégica para transformar dados em decisões seguras.

☎ 84 98186-3191

📷 @exatuspesquisa

🌐 exatuspesquisa.com.br

✉ exatuseconsultoria@gmail.com

📍 Av. Rodrigues Alves, 955 - Tirol  
- Petrópolis, Natal - RN, 59020-200

**exatus**  
CONSULTORIA & PESQUISA

